

# Plural

## UMA VOZ SOMBRIA

**LIVROS** Michel Houellebecq é uma raridade literária, um turbulento agitador das águas

POR JOSÉ ONOFRE

O escritor Michel Houellebecq é o escândalo literário que a França estava precisando há muito tempo. Ele redime a língua de décadas de uma escritura mediocre e sem valores. É uma voz vigorosa em seu deboche, cinismo e niilismo. Ele é acusado de misantropia, misoginia, racismo; de ser um crítico do liberalismo na sua expressão total: econômica, social, afetiva.

Mas os franceses do métier sabem que têm em mãos uma raridade literária, um escritor sem fronteiras, um turbulento agitador das águas, material de exportação de primeira qualidade. Há dezenas de artigos que tentaram defini-lo sem o conseguir. Uma frase de Julian Barnes, escritor inglês do primeiro time, estabeleceu a extensão de seus domínios: "He hunts big game while others settle for shooting rabbits" (ele caça prêmios grandes enquanto outros se contentam com aninar em coelhos). Houellebecq está além das limitações que seus contemporâneos se impuseram.

*A Possibilidade de uma Ilha* é o mais recente romance de Houellebecq, lançado em 2005 na França. Ele conta a história de Daniel, um comediante do estilo Lenny Bruce, lidando com o material mais grosseiro e os sentimentos mais primitivos da plateia: racismo, misoginia, homossexualidade, xenofobia e qualquer outro assunto que conduza aos sentimentos

mais regressivos. Daniel é um sucesso, fica milionário, enquanto sua vida pessoal soma fracassos. O romance tem três pontos de vista, sempre na primeira pessoa: Daniel, o humorista, nos capítulos designado como Daniel 1, e seus clones, Daniel 24, seguido de Daniel 25. O número dos clones representa os números de geração



**A OBRA.** *A Possibilidade de uma Ilha*, de Michel Houellebecq. Edição: André Telles. Editora Record (480 págs., R\$ 49,90)



que os separam do Daniel original. O romance é Daniel contando sua vida e esta narrativa é intercalada pelo seu clone Daniel 24, primeiro, e Daniel 25, até o final.

Daniel fica milionário dedicando ao seu público em particular, e ao mundo em geral, o mais completo desprezo. Isso não o impede de se envolver com mulheres e de fracassar em seus casamentos e ligações. Daniel faz um resumo perfeito da parte inicial de sua vida: "Após o segundo grau, entrei em um curso de atores; seguíram-se anos pouco gloriosos, durante os

quais fui ficando mais cruel e, por conseguinte, cada vez mais cômico; o sucesso, nessas condições, acabou chegando - com uma amplitude que surpreendeu inclusive a mim". É também um bom resumo da carreira de Michel Houellebecq.

O fato é que Michel Houellebecq é a única grande voz da Europa depois da morte do austríaco Thomas Bernhard e do inglês Anthony Burgess. E essa voz é sombria, conhece os cantos mais negros do coração humano e os expõe num texto de admirável força. Os críticos se incomodam como se Houellebecq tivesse escolhido dirigir essa força para o vazio. Não, é o sentir um intenso descontentamento social que o leva a esse sentimento de solidão cósmica, combinação da qual nascem seus romances.

*A Possibilidade de uma Ilha*, ao contrapor Daniel e seus clones, mostra que é intolerável uma vida dominada pelos sentidos, pelos sentimentos, ao mesmo tempo que, sem eles, ela não existe. Um artista não inventa, descobre, dizia o crítico francês Michel Mourlet, 50 anos atrás. Ele já está esquecido, mas em algum canto sua frase permaneceu e serve

hoje para explicar Michel Houellebecq e seu romance.

Michel Thomas nasceu em 1958, na ilha de Réunion, ao largo da costa africana, na altura de Madagascar. Seu pai era guia de montanhas e sua mãe, médica anestesista. Os pais se desinteressaram dele e o colocaram sob a custódia dos avós paternos. Aos seis anos foi viver com a avó materna, Henriette, comunista. Mais tarde adotou o sobrenome dela, Houellebecq, como pseudônimo. Formou-se em agronomia e começou a publicar poemas, sem repercussão. Seu primeiro romance, *La Extension de Domaine de la Lutte* é de 1994. Publicou, depois, *Les Particules Élémentaires*, 1998, e *Plataforma* (Editora Record), em 2001. ■

livros

LIVRO DA SEMANA



# Guerras clônicas no romance

Duas fábulas sobre criaturas artificiais prevêem um futuro monstruoso para o homem

Pessa míssil, passa foguete, e a visão que os ficcionistas têm do futuro é invariavelmente macabra: um planeta dominado por corporações ou um tirano, onde as sociedades são ultraviagadas e os homens procriados artificialmente. Os romances do francês **Michel Houellebecq** e do americano Michael Cun-

ningham, lançados em 2005 (o ano do clone nas letras), querem aumentar o alcance do quadro catastrófico. **A POSSIBILIDADE DE UMA ILHA** (Record), de Houellebecq, vendeu 300 mil exemplares só na França. O escritor de 48 anos imagina o mundo daqui a um milênio, quando a humanidade será quase

extinta. Substituídos por neo-humanos, os clones, os sobreviventes andarão em hordas selvagens. O livro se divide em três relatos, redigidos por Daniel 1, Daniel 24 e Daniel 25. Daniel 1 é um comediante malévolo do século XXI que encarna em clones sucessivos, até chegar ao 25º da dinastia. Como toda a humanidade, vira imortal migrando a mente para os sucessores

neo-humanos. Por ironia, os Daniels-clones enobrem o fundador. Afinal, os neo-humanos já não sentem amor nem têm desejo sexual, entre outras "fraquezas" da espécie. Houellebecq escreve com estilo ferino que prende o leitor. No romance de 500 páginas, ele parece estar falando do futuro. Mas o que constrói é um sarcástico espelho do nosso agora.



**IMORTAIS**  
Houellebecq vê a extinção humana com sarcasmo



**VIGIADOS** Cunningham imagina mundo sem privacidade

## O FUTURO MENINO

Michael Cunningham, de 34 anos, adota a discrição em **DIAS EXEMPLARES** (Cia. das Letras). Mas o cenário da terceira parte da obra não é menos terrível que o do colega francês: colapso ecológico, controle, falta de liberdade e vida artificial. O autor copia o esquema de seu romance de sucesso *As Horas*: tramas e figuras em três tempos que se

entrelaçam por analogias. Um mesmo tipo de personagem une as histórias: um menino deformado e bom. O epílogo conta como Luke ajuda um andróide e uma E.T. a escapar das autoridades e pegar a estrada rumo a Denver, no outro lado do país. Serão perseguidos por zangões robôs. Bem divertimento para quem não tem medo do futuro.

Luís Antônio Girão

## FICÇÕES PÓS-HUMANAS

Bebês fabricados e controle total. O romance de Aldous Huxley previu em 1932 a sociedade tecnológica



Um conto de Philip K. Dick (1968) inspirou *Blade Runner*, de Ridley Scott, sobre andróides rebeldes



O livro de Kazuo Ishiguro (2005) narra a vida mansa de dois clones em uma escola inglesa



\*\*\*\*\*

O controverso Michel Houellebecq: ironia mordaz e discurso calvo



# A Possibilidade de uma Ilha

**ROMANCE** Provocativo, Michel Houellebecq faz diagnóstico pessimista da sociedade contemporânea *Suzana Uchida Hiberé*

Não há meio termo na literatura de Michel Houellebecq. O controverso autor é um misantropo assumido cujos pensamentos esbarram no fascismo e no racismo. Não é fácil apreciar a mordaz ironia, o discurso rívorso e

a exacerbada lascívia de obras como *Plataforma*. Tampouco ser complacente com a frieza com que Daniel, protagonista de *A Possibilidade de uma Ilha* (Record, 480 págs., R\$ 49,90), que vendeu 300 mil exemplares na França, refere-se

ao suicídio do filho, ou, ainda, com seu menosprezo às mulheres. Mas, agradável ou não, o vigor do olhar de Houellebecq sobre a realidade contemporânea torna sua obra necessária.

Daniel é um humorista que ganhou milhões com

monólogos cômicos contra a sociedade de consumo e o fundamentalismo religioso. O riso que provoca lhe soa cruel e é com desencanto que narra suas relações amorosas e o contato com uma seita que acredita na imortalidade pela clonagem. Estabelece-se então um diálogo entre Daniel, no século 21, e

os clones Daniel24 e Daniel25, que relatam o futuro pós-apocalíptico. O cinismo dá o tom nas



elucubrações sobre o caos social. Quem sabe, porém, se a carência não lhe fosse uma pendência pessoal tão cara (Houellebecq não esconde a amargura por ter sido abandonado pelos pais), sua visão de mundo seria mais conciliatória.

**Manifesto do desgosto** ♦♦

# Mãe Nossa que Estais no Céu

**ROMANCE** Chileno dá voz a senhora à beira da morte que relata vida de forma leve *Marina Montello*

Parece um tanto fácil escrever na literatura com livros leve ou pesadamente autobiográficos. Se a autora é uma badzaquinara solteira, por exemplo, certamente escreve com desenvoltura sobre as agruras de uma mulher moderna em busca de namorado.

Então, o primeiro mérito de Pablo Simonetti, cuja estreia em romance,

*Mãe Nossa que Estais no Céu* (Planeta, 295 págs., R\$ 37,50), acaba de ser lançada no Brasil, está exatamente em dar voz a uma personagem feminina de 77 anos, que viveu a Depressão e a Segunda Guerra e está agora à beira da morte. Alguém que poderia ser sua mãe ou tia, mas, definitivamente, é uma pessoa bem diferente dele. Julia, a protagonista



verdadeira, e nos surpreende imaginar que todos os seus pensamentos saíram da cabeça de um homem de 45 anos.

Dentro da tradição latino-americana, a personagem conta a saga de sua família: histórias de filha, esposa, mãe, irmã. Não utiliza a cronologia para organizar os episódios. Uma memória puxa a outra, e assim ela vai desenrolando fatos marcantes da vida: os traumas, as mágoas, os amores etc.

A decisão de Julia de escrever cartas em vez de tratar o câncer que a consome poderia resultar no mote de um romance lacrimoso e depressivo. Mas, na verdade, o que se lê são relatos leves, mesmo sendo altamente emocionais.

**Histórias de família**

**Pablo Simonetti** foge do relato autobiográfico em boa estreia



/\*\*\*/

# ENTREVISTA

## Michel Houellebecq, escritor

**ESCRITA:** "Posso garantir que nada é mais difícil do que fazer a poesia triunfar no interior de um romance"

**CRENCAS:** "Nenhuma superstição teológica ou culto religioso pode exigir ou impor respeito absoluto"

**ESTILO:** "Alguém que rejeita Balzac não pode ser romancista. É simples assim, Balzac é o pai de todo nós"

# As possibilidades de um maldito

Em entrevista exclusiva, Houellebecq fala da novo romance e de seu tema preferido: a religião em tempos pós-modernos

**Jeremias Machado da Silva**  
**CRÔNICA FICÇÃO**  
Nenhum escritor francês fez tanto barulho nos últimos três meses. Michel Houellebecq, conhecido pelo título de "Batalha" (em referência ao seu livro de estreia, lançado há pouco mais de um ano), lançou seu novo romance, *As possibilidades de um maldito*, em meio a uma tempestade de críticas e elogios. O livro se situa no mesmo universo literário que o best-seller *Amor platônico*, lançado em 2005, e que se tornou um fenômeno de vendas em todo o mundo. Houellebecq é considerado o escritor francês mais original e provocador de sua geração. Seu estilo é seco e direto, e sua linguagem é extremamente simples. Ele é conhecido por suas ideias radicais sobre a sociedade, a tecnologia e a religião. Seu novo livro, *As possibilidades de um maldito*, trata de um homem que se torna um maldito por causa de suas ideias e de seu estilo de vida. O livro é uma crítica à sociedade moderna e à religião. Houellebecq é conhecido por suas ideias radicais e por seu estilo de escrita simples e direto. Seu novo livro, *As possibilidades de um maldito*, é uma crítica à sociedade moderna e à religião. Houellebecq é conhecido por suas ideias radicais e por seu estilo de escrita simples e direto.

Uma mistura de repressão higienizadora, de modestidade de banais sentimentos de enxada, porfiação, e de irreverência superficial. Tudo isso sendo usado para uma competição individual cada vez mais exacerbada. Apáthos que se torna um intuito para as fins propostos e preservação estabelecida dentro dos limites. Não se costuma a chave de sistema em confissão. Todo o problema está aí. Basta que se descreva a situação e se desentenda o estado das coisas para ser desolado e acabado. Na verdade, não há mais lugar para a literatura neste mundo que vivemos. Não há mais espaço. Não se pode trabalhar-se de um mundo que se pretende melhor do que a existência, a qual se obriga a reconhecer, nem que seja por vontade, tudo aquilo que há de melhor nos mundos e nos países anteriores. Em consequência, não se pode, oficialmente, vincular a literatura, a que seria mais simples e perfeita. Mas é possível, talvez, desenvolver a ser responsável, humana e civilizada. Com fé e com calma, porém, a literatura provavelmente da realidade, não se submeto, por isso, a ser o maldito.



**A possibilidade de um maldito**  
Simples. Foi muito bem que, sem dúvida, é ingenuidade e ciúme, nos primeiros dias, sem alguma ideia preta. Sempre tomamos uma linguagem, mas, por isso, não podemos parar de ler a obra certa para a maioria e sem adivinhar a obra a maior espaço possível para a observação.  
Como se pode definir, alguma palavra. A possibilidade de um maldito? Poderíamos dizer que se trata de uma fábula. Cabe, no entanto, reconhecer que a obra fábula feita como as personagens. De certo modo, talvez o romance na direção do que está na obra, mas a obra, mesmo assim, nunca permitiu de vista a presença de um romance, ou seja, os personagens de um romance (poderíamos, se quiséssemos, dizer, devemos impor uma verdade e a obra, mesmo que se não tenhamos uma palavra para o estado). Para isso, não há romance.  
O Brasil é conhecido não como país muito religioso, liberal e aberto a diversidade que envolve a criação e os países que se incluem. Em particular, a literatura, ou o livro do Brasil, não se subentende como algo de tal natureza. Que a sua opinião sobre a obra, no entanto, não se subentende, mas, de nada, para dizer a verdade, não, não, não, não.

Suite de l'article ci-dessous





Os três pequenos intrépidos de *A Casa Monstro*: uma mansão viva, e muito brava

CINEMA

**A Casa Monstro** (*Monster House*, Estados Unidos, 2006. Estreia nesta sexta-feira no país) — Nada como um cineasta capaz de aprender com seus erros. Depois dos resultados discutíveis obtidos com as técnicas de animação utilizadas em *O Expresso Polar*, o produtor Robert Zemeckis deputou a forma e aplicou-a com ótimo efeito nesse desenho, sobre três crianças que decidem enfrentar uma casa que parece estar viva — e muito brava. Original e capaz de provocar alguns arrepios bem genuínos (é o caso de pensar se os muito pequenos vão se divertir ou se apavorar), o filme dirigido pelo estreante Gil Kenan conta com excelentes talentos vocais, fornecidos por atores como Steve Buscemi, Kathleen Turner e Maggie Gyllenhaal. Ou seja, se puder, veja em inglês.

III

**Questão de Imagem** (*Comme une Image*, França/Itália, 2004, Europa) — Diretora do ótimo *O Gosto dos Outros*, a francesa Agnès Jaoui se sai aqui com um filme ainda mais contundente. A jovem Lolita (Marilou Berry) vive para impressionar seu pai, Étienne, um escritor de grande prestígio (papel de



Imagem: pai valdoso, filha triste

Jean-Pierre Bacri, marido da diretora e co-roteirista). Em vão: ele acha a filha gorda e desensabada, e se compraz em ferir seus sentimentos — por exemplo, dizendo que nunca amou a mãe dela, ou saindo no meio da apresentação em que Lolita tenta se lançar como cantora lírica. Como Étienne, todos os outros personagens estão de alguma forma presos às suas percepções mais triviais e superficiais. E não é por outra razão, sugere Agnès, que eles fazem de sua vida pessoal uma fonte de tanta frustração e descontentamento.



London: as tramóias do boxe

LIVROS

**Por um Bife e outras Histórias de Boxeadores**, de Jack London (tradução de Jorge Ritter; Artes e Ofícios; 224 páginas; 32 reais) — O americano Jack London — pseudônimo literário de John Griffith Chaney (1876-1916) — é conhecido como um escritor aventureiro, o viajante que transformou regiões rústicas como o Alasca em cenário de excelentes obras. Pois ele era também um boxeador dileitante. Em suas viagens, levava sempre as luvas, para desafiar para alguns rounds quem encontrasse pelo caminho. Essa coletânea reúne cinco contos

veja RECO

que London escreveu sobre o esporte. São narrativas vigorosas, que revelam as tramóias e a crueldade do mundo do boxe. Consta até que Gene Tunney, campeão dos pesos pesados no fim dos anos 1920, decidiu se aposentar depois de ler o conto *O Jogo*.



Houellebecq: França tratada a pauladas

**A Possibilidade de uma Ilha**, de Michel Houellebecq (tradução de André Telles; Record; 480 páginas; 49,90 reais) —

Quando lançou *Partículas Elementares*, em 1998, Houellebecq deu uma boa sacudida na literatura francesa. E é irônico que ele hoje sustente praticamente sozinho a glória das letras francesas. A França, seus orgulhos e ilusões são desmontados a pauladas em seus livros. Aliás, não só a França, mas a humanidade em geral: Houellebecq é um crítico furioso. Com mais de 300 000 exemplares vendidos em seu país de origem, *A Possibilidade de uma Ilha* narra a história de Daniel, um humorista amargurado que adere a uma seita que preconiza a clonagem como meio de chegar à vida eterna. A existência mediocre do Daniel "original" é comentada, com desencanto, por seus clones, em um futuro pós-nuclear.

**O Amigo Fiel**, de Oscar Wilde (adaptação de Gonzalo Cárcamo; Berlendis & Vertecchia; 48 páginas; 35 reais) —

Mais conhecido por peças em que retratava ironicamente a sociedade vitoriana e pelo romance *O Retrato de Dorian Gray*, o irlandês Oscar Wilde (1854-1900) era

